Esquerda, direita e o politicamente correto: breve estudo comparado

João Feres Júnior

resumo

A partir de uma análise de estrutura semântica do conceito de "politicamente correto" no contexto de sua criação e desenvolvimento nos Estados Unidos, comparado à breve história do conceito no Brasil, identifico os principais significados associados a ele e as principais forças políticas que dele fizeram uso. Dois momentos do debate sobre o politicamente correto em nosso país foram escolhidos para análise: o debate sobre o *affair Caçadas de Pedrinho*, do começo da presente década, e as páginas das redes sociais sobre o tema do politicamente correto no presente. Tento mostrar que há um forte paralelo entre o desenvolvimento do conceito nos EUA e no Brasil e que, em nosso país, há uma continuidade entre os dois momentos estudados que se assenta na definição do politicamente correto como imposição autoritária da ideologia esquerdista do PT.

Palavras-chave: politicamente correto; direita; PT.

abstract

By analyzing the semantic structure of the concept of political correctness in the context of its emergence and development in the United States, and comparing it to a brief history of the concept in Brazil, we identify the main meanings attributed to it and the main political forces making use of it. Two moments of the debate on political correctness in our country were chosen for our analysis: the debate on the attempt to legally ban the book As caçadas de Pedrinho *in the beginning of this decade, and today's social networking web pages on the issue of political correctness. We seek to show there is a strong similarity between the development of the concept in the USA and in Brazil; and that in our country there is a continuance between the two studied moments that is grounded on the definition of political correctness as an authoritarian imposition from the left-wing ideology of PT, the Worker's Party.*

Keywords: *political correctness; right wing; PT.*

Perguntado sobre o que achava do politicamente correto em entrevista no programa "Roda Viva", da TV Cultura, o humorista Fabio Porchat respondeu da seguinte maneira:

"Dentro da minha cabeça eu posso fazer todo tipo de piada possível, piadas ofensivas, horríveis, piadas [pelas quais] eu poderia ir preso, mas elas estão na minha cabeça. Do mesmo lugar que sai a piada boa, sai a piada ruim. Eu não penso assim: agora vou fazer uma piada boa, agora uma ruim... Eu penso que vou fazer uma piada. E claro que imagino eu que a piada é boa. Mas eu só vou saber depois que ela for ouvida por alguém que fale: 'hmmmm, essa não deu certo'. Então tem um lugar, que o politicamente correto faz e que eu acho ótimo, que é você parar para pensar. Você não fala a primeira coisa que te vem na cabeça. Isso é ótimo para qualquer situação, para qualquer coisa, não só na comédia. Sempre a gente parar para pensar no que vai falar é melhor para a gente poder ter certeza disso e assim falar com mais propriedade. Então, eu acho que o politicamente correto ajuda a piada a ter mais força. Eu falei aquilo e queria ter dito aquilo mesmo".

Porchat mostra em sua resposta um agudo senso analítico, algo que certamente é o produto da reflexão reiterada sobre a prática de seu ofício de humorista – infelizmente não vemos com muita frequência na mídia de entretenimento brasileira dos dias de hoje profissionais com essa capacidade. A intenção do humorista em sua fala me parece ser a de refutar o argumento comumente ouvido nos dias de hoje de que o politicamente correto reprimiria a expressão artística e política. Porchat faz isso chamando a atenção para a natureza comunicativa do humor, isto é, para o fato de que a graça é produzida na mediação entre humorista e audiência. Do

JOÃO FERES JÚNIOR é professor de Ciência Política do Iesp-UERJ, coordenador do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gemaa) e do Laboratório de Estudos da Mídia e Esfera Pública (Lemep).

ponto de vista do humorista, ele descreve um processo criativo reflexivo, de introjeção moral do ponto de vista do outro, ao falar de dois momentos da criação: um anterior e mais livre e um posterior de teste mental das ideias por meio de sua submissão a critérios morais advindos do reconhecimento da alteridade do mundo externo. E conclui o seu raciocínio com a frase: "O politicamente correto ajuda a piada a ter mais força". Claro, tal força só pode advir de uma maior aceitação da graça da piada por parte da audiência, ou melhor, da conquista de audiências mais amplas. Em outras palavras, o humorista parece trabalhar com a noção de que o politicamente correto marca um consenso moral social acerca do que deve ser tomado como humor e, portanto, também sobre aquilo que não deve ser dito por constituir ofensa.

No artigo intitulado "Monteiro Lobato e o Politicamente Correto" publicado há alguns anos (Feres Júnior et al., 2013), utilizei o caso do debate público acerca do racismo contido no livro *Caçadas de Pedrinho*, do escritor paulista Monteiro Lobato, para defender argumentos muito similares a esses feitos por Fabio Porchat na entrevista, sem a graça e a leveza típicas da verve humorística, mas com um pouco mais de sistematicidade analítica e detalhe, coisas que o formato artigo acadêmico possibilita com mais facilidade.

No presente ensaio, pretendo não me afastar muito do esquema explicativo de minha contribuição anterior, assim como ressaltar alguns aspectos importantes do que podemos chamar de uma teoria do politicamente correto, particularmente seu aspecto político-ideológico, evidenciado no título do artigo pelas palavras "esquerda e direita". Partamos da questão inicial que propõe tal título: seria o politicamente correto algo de esquerda ou não? Ou: o que há no conceito de politicamente correto que o faz significativo no debate político-ideológico e, assim, capaz de ser localizado neste ou naquele campo?

É sempre bom começar qualquer discussão acerca de um conceito por traçar, mesmo que brevemente, a sua história. Tal exercício tem no mínimo o efeito terapêutico de evitar nossa adesão a ingenuidades e deslumbramentos intelectuais quando não ao erro interpretativo puro e simples[1]. "Politicamente correto" no português brasileiro pertence à categoria das expressões importadas dos Estados Unidos, assim como "ação afirmativa", "igualdade de oportunidades" e tantas outras, e que foram produzidas na segunda metade do século XX. São produto da expansão do Estado de bem-estar social naquele país após a Segunda Guerra Mundial e de vigorosos movimentos sociais que vieram no esteio dessas transformações, particularmente o dos direitos civis e a resistência à Guerra do Vietnã, ambos com seu auge na década de 1960. Como tal, é inequívoco seu pertencimento ao campo político progressista norte-americano, cujos adeptos são frequentemente chamados de *liberals*.

Como declara o *Dicionário do Pensamento Político* da Palgrave:

"[…] *the concept of 'political correctness' has become a topic of intense controversy in the US and elsewhere, those on the right attacking it as a threat to free speech and an excuse for witch-hunts, those on the left endorsing it"* (Scruton, 2007).

1 Para uma discussão sobre as virtudes da contextualização histórica de conceitos, ver Koselleck (1985), Richter (1996) e Tully (1988).

A reação conservadora ao politicamente correto nos Estados Unidos começou na era Reagan, que marca de várias maneiras o fim do grande ciclo progressista iniciado com o término da guerra e que teve como um dos seus principais manifestos intelectuais o livro *The Closing of the American Mind,* de Allan Bloom (1987), intelectual conservador discípulo de Leo Strauss. Helenista e literato, Bloom é um autor de grande sofisticação retórica. O livro como um todo é uma crítica ao relativismo moral, que, segundo ele, está destruindo a liberdade de pensamento dentro dos *campi* universitários norte-americanos. Sua tese sobre a importação e a banalização do pensamento de pensadores alemães como Nietzsche e Weber pela cultura de massas dos EUA é bastante inteligente e sofisticada, mas para o debate público mais amplo, *The Closing of the American Mind* foi consumido como um libelo contra o multiculturalismo, as políticas de ação afirmativa e o feminismo.

Podemos concluir após essa breve incursão histórica que, pelo menos no seu país de origem, o termo "politicamente correto" se associa claramente com a banda esquerda do espectro político, não uma esquerda marxista revolucionária, mas liberal com inclinações igualitárias.

Já que estamos falando de conceitos, é preciso introduzir também algumas palavras de esclarecimento acerca dos outros dois conceitos que compõem o título: o par dicotômico "esquerda-direita". É importante expor algumas características de sua estrutura semântica. Esquerda e direita formam um par de contraconceitos simétricos. Em outras palavras, eles se definem mutuamente em oposição frontal: um significa o contrário ou a negação do outro. Historicamente, contudo, podemos observar alguma estabilidade semântica nessa relação estrutural de exclusão mútua. Descontando usos instrumentais altamente retóricos, a esquerda sempre vem associada à defesa dos muitos e, portanto, do valor da igualdade, e a direita, à defesa do privilégio dos poucos[2]. Como muitos outros conceitos que existiram antes mesmo das palavras que mais tarde os nomearam, noções de direita e esquerda parecem ter existido pelo menos desde o período clássico da Grécia antiga, se podemos nos fiar no relato de Aristóteles, que chama a atenção para os dois princípios fundamentais da política do seu tempo: o oligárquico e o democrático (Aristotle, 1996). A narrativa que Tucídides nos apresenta da Guerra do Peloponeso confirma a interpretação feita pelo estagirita décadas depois. O conflito entre Atenas e Esparta semeou em cada cidade do mundo grego a cizânia entre o partido dos muitos, democrático, e o partido dos poucos, aristocrático (Thucydides, 2013).

O conhecimento mínimo da estrutura semântica e do significado histórico dos conceitos de esquerda e direita não resolve todos os problemas advindos de sua aplicação como ferramentas analíticas. Nós, estudiosos da política, somos frequentemente forçados a enfrentar a fatalidade de adotarmos conceitos analíticos que são também termos nativos da própria política[3].

---

2 A associação da direita com o valor da liberdade, como querem alguns autores e publicistas, é puramente retórica, pois sempre redunda na defesa do gozo máximo da liberdade de poucos em detrimento ou ao arrepio da real capacidade de gozo da liberdade dos muitos.

3 O uso da expressão "má sorte" aqui é puramente retórico, pois o interesse despertado por nossa disciplina advém exatamente do fato de tratar de conceitos tão fundamentais para as teorias, argumentos e ideologias que constituem o aspecto comunicativo da política, que é a atividade que cuida da organização coletiva da vida humana.

"Democracia", "república", "direitos" e muitos outros termos da linguagem política cotidiana são também conceitos analíticos acadêmicos. A complicação em nosso caso é que, por ter a política uma natureza fortemente antagônica, como bem notou Carl Schmitt (Schmitt & Schmitt, 2007), tais termos nativos são quase sempre apropriados para efeito de pugna (*Kriegsbegriffen*), isto é, para ofender, rebaixar e desmoralizar adversários[4].

Tomemos o exemplo do termo *liberal* em inglês: de elogio no século XIX ele se converteu em imprecação no pós-guerra. Originalmente o termo, assim como "liberal" em português, significava generoso e tolerante, algo sempre virtuoso e admirável. Com o surgimento do Estado de bem-estar social no *New Deal*, essas características pessoais da generosidade e da tolerância foram traduzidas em apoio a uma plataforma política que define uma relação entre Estado e sociedade na qual o primeiro cuida para que as desigualdades agudas geradas pelos processos sociais não se traduzam em injustiças para com aqueles menos afortunados. Ou seja, o conceito foi politizado, passando a denominar uma determinada posição no espectro político-ideológico e não mais meramente uma característica de personalidade. Com a onda de conservadorismo que se abateu sobre os Estados Unidos a partir do governo Reagan, *liberal* adquiriu tom pejorativo, associado à suposta adesão irresponsável a um modelo de Estado inflado por políticas assistencialistas que restringem a liberdade dos indivíduos[5].

Não precisamos nos estender muito mais para mostrar que tanto os termos "esquerda" e "direita" como "politicamente correto" sofrem do mesmo "mal": são usados como termos de pugna, de ofensa pessoal e pública. Mas enquanto os termos "esquerda", "direita", "república", "democracia" e tantos outros são frequentemente utilizados em análises acadêmicas, ou seja, têm seu campo semântico demarcado e controlado como conceito analítico, inclusive diferenciando-os de seus usos na linguagem cotidiana da pugna, "politicamente correto" é um conceito *folk*, do debate político, com baixíssima densidade acadêmica. Boa parte do esforço empreendido no artigo "Monteiro Lobato e o Politicamente Correto" foi dar consistência teórica ao termo, algo que será preciso resgatar, ainda que brevemente, no presente ensaio, mais adiante.

Diferentemente do par "esquerda-direita", "politicamente correto" é um termo de pugna particularmente assimétrico; em outras palavras, ele é usado para atacar adversários, mas estes adversários não o aceitam como parte de sua identidade. O mesmo *Dicionário Palgrave* informa que aqueles identificados com a esquerda "raramente usam o termo, pois ele agora adquiriu um sabor pejorativo" (Scruton, 2007). Conceitos como "republicano" ou "civilizado", por exemplo, sempre têm caráter positivo. Assim, quando são usados para desqualificar adversários é sempre pela negação: a prática não é repu-

4 Ninguém melhor que Reinhart Koselleck deslindou as consequências da natureza política para a semântica dos conceitos. (Koselleck & Gadamer, 1987).

5 É interessante notar que em português o termo seguiu direção contrária, passando a denominar pejorativamente pessoas que defendem o Estado mínimo e os interesses do mercado.

blicana, esse ritual é incivilizado. Esquerda e direita (ou conservador) são identidades políticas aceitas por agentes políticos, ainda que os termos sejam usados frequentemente como formas de abuso verbal[6]. Contudo, ninguém parece gostar de levar a pecha de politicamente correto.

Isso não significa, no entanto, que o termo "politicamente correto" seja usado igualmente para atacar direita e esquerda. Pelo contrário, pelo menos no que tange ao uso do conceito nos EUA, é quase sempre uma ofensa brandida por grupos conservadores contra os adeptos de políticas de igualdade de oportunidades, multiculturais, de defesa dos direitos de minorias, de mulheres, etc. Ou seja, ainda que frequentemente rejeitem a pecha de politicamente correto, essas pessoas são acusadas de tal prática.

Será que tal divisão político-ideológica em torno da expressão é a mesma no Brasil, e que a dinâmica da evolução semântica do conceito foi similar? Conceitos são sempre apropriados pelas mais frescas intenções – este é o grande conselho de Nietzsche para os historiadores (Nietzsche, 1990), uma pedra fundamental do historicismo contra idealismos de toda espécie. Se isso é verdade, nada garante que aqui no Brasil o politicamente correto tenha sido recebido da mesma maneira. Contudo, os sinais apontam para uma resposta plenamente positiva à questão levantada, com algumas peculiaridades locais, é claro. Isso não quer dizer que as intenções que aqui se apropriaram do conceito não fossem genuinamente as mais frescas, ou seja, domésticas e localizadas no tempo presente. Elas só são muito similares às norte-americanas.

Voltemos a alguns dados relativos ao *affair Caçadas de Pedrinho*. Antes, contudo, é necessário algum contexto histórico. Em 30 de junho de 2010, ou seja, ao final do segundo mandato do ex-presidente Lula, a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) acatou solicitação encaminhada pela Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) questionando a utilização, pela Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, de livro que veicularia "preconceitos e estereótipos contra grupos étnico-raciais". Tratava-se do clássico *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato (2008)[7]. O mesmo livro, da Editora Globo, era distribuído pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) e tido há muitas décadas como obra de referência em escolas públicas e particulares de todo o Brasil. A CEB/CNE produziu dois pareceres recomendando a adição de nota explicativa na introdução do livro, explicando o contexto histórico da utilização de seu conteúdo racista. Tais pareceres foram fonte de imensa controvérsia midiática na qual o conceito de politicamente correto teve papel central.

De outubro de 2010 a março de 2012 foram publicados 84 textos jornalísticos sobre o assunto, em um conjunto de 12 meios de mídia impressa de grande circula-

6 No Brasil há uma rejeição histórica às identidades públicas de direitista ou conservador, que nos últimos tempos está sendo mitigada. As razões históricas para tal rejeição estão ligadas, a meu ver, ao fraco desempenho que tal posição explícita teria em termos eleitorais em um regime democrático representativo, particularmente em um país com um enorme contingente de pobres. Mas não há espaço aqui para desenvolver essa tese.

7 Não me escapa a ironia de esse ter sido o primeiro livro que li na vida.

ção no país. Somente na *Folha de S. Paulo* foram 16, em *O Globo*, 15 e no *Estado de S. Paulo*, 8. Desse total de textos, 62 eram de natureza opinativa. Quase metade das matérias opinativas (42%) tratou do politicamente correto. Uma leitura rápida dos trechos em que o conceito é citado confirma as hipóteses que levantamos até aqui. A expressão é claramente usada como instrumento de pugna, frequentemente associado a outros termos derrogatórios, como:

"E aí chegamos a uma questão que me parece muito representativa dos equívocos do debate ao redor da 'questão gay' (um belo exemplo do fascismo do politicamente correto)" (Pondé, 2011);
"Ao lado do avanço nos direitos dos gays, legítimo e importante, a indústria do politicamente correto vai criando um monstro" (Fiuza, 2011);
"Essa é mais uma amostra das 'panes mentais' que a obsessão com ações politicamente corretas costuma produzir" (Editorial, 2010);
"Monteiro Lobato, por sinal outra vítima da sanha persecutória das baterias politicamente corretas" (Editorial, 2011);
"O politicamente correto pode ser perigoso e hipócrita" (Luft, 2010);
"Se a escola fundamental fracassa em suas tarefas elementares, como poderá incluir no currículo as disciplinas inventadas pelos luminares politicamente corretos?" (Kuntz, 2011).

Não é preciso repetir a lista de termos pejorativos associados à expressão "politicamente correto" nas passagens acima para provar nosso ponto, sua mera leitura deixa bastante clara a intenção dos autores. Não basta, contudo, identificar o caráter beligerante associado à expressão, é preciso tentar identificar se os papeis de agressor e alvo da agressão verbal estão associados às posições ideológicas de direita e de esquerda, a fim de compararmos com o exemplo norte-americano. Os textos são também bastante claros acerca desse aspecto, pelo menos no que tange ao alvo. Vejamos abaixo mais alguns exemplos:

"Mas o extenso histórico de medidas com o viés do politicamente correto, em obediência à linha ideológica de áreas do PT e adotadas desde o primeiro governo Lula, recomenda prudência e boa dose de ceticismo em relação ao desmentido. Afinal, não é a primeira vez que o governo federal tenta empurrar goela abaixo da sociedade uma pílula supostamente progressista, que, na realidade, é um composto no qual mal se disfarça o DNA do autoritarismo e da intolerância" (O Globo, 2011);
"Depois que Dilma Rousseff virou símbolo meteórico de afirmação feminina, ninguém mais segura os gigolôs da ideologia" (Fiuza, 2011);
"O parecer que indica o perigo de incentivar preconceito e pede a retirada do livro das escolas é um exemplo de leitura viciada pela ideologia, que perde em dimensão estética e humana para bater continência ao politicamente correto. Para a Abrale, o avaliador extrapolou seu papel, caracterizando um 'policiamento pedagógico e ideológico'" (Werneck et al., 2010).

Fica explícita a associação do politicamente correto à suposta ideologia de esquerda do PT na Presidência da República. O politicamente correto é descrito como

imposição autoritária de valores e padrões culturais por parte de um Estado dominado pela ideologia de esquerda. Em outras palavras, a associação entre politicamente correto e esquerda se repete aqui, também de modo pejorativo. Seria ela enunciada também pela direita? Gostaria de enumerar alguns fatores que apontam para uma inequívoca resposta positiva para essa questão.

Primeiro, em um plano mais geral, boa parte dos textos encontrados em nossa pesquisa – que cobriu todas as instâncias de utilização da expressão "politicamente correto" no período naqueles veículos – tem autores identificados com a direita ideológica. Os editoriais citados acima provêm dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, dois baluartes do conservadorismo político em nosso país, apoiadores do Golpe Militar de 1964 e do regime autoritário que se sucedeu e ferozes opositores de partidos e políticos de esquerda desde o retorno do país ao regime democrático. Os autores das passagens são quase sempre direitistas convictos, como Luiz Felipe Pondé e Guilherme Fiuza, ou colunistas como Lya Luft e Rolf Kuntz, que, a despeito de não serem confessos reacionários, foram críticos acerbos dos governos petistas e defensores de ideais bastante liberais no campo da economia, ou seja, também estão à direita do espectro ideológico.

É irônico notar que essa campanha contra o politicamente correto no *affair Caçadas de Pedrinho* contou inclusive com vários autores que vieram a público negar o racismo de Monteiro Lobato. Ora, a acusação de ideologia feita à esquerda do poder se fez em nome da afirmação de uma inverdade. O entusiasta da eugenia Lobato, além de grande escritor de obras infantis, era, sim, racista para os padrões de sua época e para os de nossa. Não há dúvida acerca da infeliz obsessão do escritor de Taubaté pela questão da raça, sua feroz oposição à miscigenação e seu desprezo pelos negros. Na nossa amostra, 21 textos contêm algum tipo de negação ou relativização do racismo de Lobato. Alguns chegam a ser hilariantes por sua candura. Por exemplo, o próprio Rolf Kuntz diz que o racismo é "uma estranhíssima acusação a Monteiro Lobato" (Kuntz, 2011). Segundo Martha Neiva Moreira, Ruy Castro declarou que "as pessoas que acusam Monteiro Lobato de racismo e de querer 'extinguir a raça negra' certamente nunca leram uma linha do que ele escreveu" (apud Barrucho, 2012). O mesmo Ruy Castro hoje em dia ataca Lula repetidamente em seus artigos de jornal.

A título de teste final para confirmar a tese da similaridade entre o uso do conceito de politicamente correto nos EUA e no Brasil, proponho que saiamos do exemplo do *affair Caçadas de Pedrinho* e cheguemos ao presente, e que troquemos de meio de comunicação. Ao invés de analisarmos os conteúdos veiculados pela mídia tradicional, tomemos as mídias sociais, mais especificamente o Facebook, que é de longe a rede social mais utilizada no Brasil. Segundo dados da própria empresa, 92 milhões de pessoas domiciliadas no Brasil acessam a plataforma todos os meses, sendo que 62 milhões fazem isso todos os dias[8]. A despeito do viés econômico que condiciona esse acesso, isto é, quanto mais pobre, menor a probabilidade de usar o Facebook, é difí-

8 Disponível em: https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-Facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes.

cil imaginar fonte mais direta ao uso corrente de termos e expressões na linguagem comum do que os dados recolhidos nessa rede social.

Utilizando a ferramenta Netvizz, provida pelo próprio Facebook para análise de dados de sua rede por parte de terceiros, fizemos uma busca simples da expressão "politicamente correto" nas páginas da rede. Os resultados encontrados podem ser observados na Tabela 1.

Nela filtramos as 15 páginas com maior número de seguidores – que obtivemos usando um número de corte um pouco abaixo de 100. Das 15 páginas que utilizam a expressão "politicamente correto" em seus títulos, endereços ou descrições, somente duas não são claramente de direita, uma não é política, uma é de esquerda e outras duas estão praticamente desativadas. Isto é, nove páginas exibem características que hoje podemos associar à posição política de direita no espectro ideológico brasileiro. Não se trata de uma amostra, mas de todas as páginas com mais seguidores que versam sobre o tema do politicamente correto explicitamente. É digno de nota o texto que descreve a página campeã, com

TABELA 1

Nome	Categoria	Nº seguidores
Brasil, Maior Comunidade do Facebook	Community	37.141
Contra a Ditadura do Politicamente Correto	Community	4.244
Politicamente inCORRETO	Community	1.226
Antro dos Politicamente Corretos	Community	509
Politicamente Correto	Community	311
Politicamente correto	Politician	309
POLITICAmente Correto	Community	283
Politicamente #in-correto	Community	203
Politicamente correto	Interest	183
Politicamente Correto	Community	154
Politicamente correto	News & Media Website	145
Politicamente in Correto	Community	131
Politicamente Correto	Movie/Television Studio	93
NÃO SOU POLITICAMENTE CORRETO	Community	91
Politicamente (in)Correto	Community	91

37.141 seguidores, intitulada "Brasil, Maior Comunidade do Facebook"[9]:

"O brasileiro sempre foi 'educado' para 'calar a boca' para não morrer, não sofrer pressões, etc. Não é possível mais ver o brasileiro calado ao ver tanta corrupção, inflamada pela impunidade. Somente quando todos os brasileiros começarem a falar, essas pressões terminarão... FALE... USE AS REDES SOCIAIS PARA MANIFESTAR A SUA INDIGNAÇÃO. Não é mais possível aceitarmos tanta roubalheira e ficarmos calados. Chega de 'esquecer' do que já passou. Chega de correligionários julgarem seus próprios amigos no governo, CHEGA DE VERMOS POLÍTICOS CALADOS PARA NÃO RESPINGAR EM SEUS TELHADOS DE VIDRO [...] está na hora deste país 'empregar' apenas quem queira o melhor para todos e não apenas para uns poucos! Não... não queremos mudar o mundo, tão pouco somos ideologistas cegos... apenas possuímos o grande sonho de ver o brasileiro reclamar por seus direitos! Agora também através do Twitter: http://twitter.com/PoliticamenteC"[10].

É interessante notar que o foco na corrupção, que na verdade serve como base para o discurso antipolítica e para o antipetismo em todas as páginas aqui identificadas, é tão intenso que a questão do politicamente correto em si sequer é tocada diretamente no texto da descrição. O trecho contém outras dicas sobre o posicionamento político de seus autores, que, ao rejeitarem a ideia de "mudar o mundo" e a pecha de "ideologistas cegos", pretendem se afastar de imprecações comuns atribuídas à esquerda por seus críticos de direita. Isto é, a mensagem, a despeito de se apresentar como mudancista, pois prega o fim da corrupção, deixa bem claro que não se trata de uma agenda de esquerda.

A imagem de capa da página é uma fotografia tirada durante uma manifestação gigante em frente do Congresso Nacional, de junho de 2013[11]. A foto também traz em letras maiúsculas os dizeres "DESCULPE O TRANSTORNO, SÓ ESTAMOS TENTANDO MELHORAR O BRASIL!", celebrizados nas manifestações de junho de 2013. Aqui vemos uma estratégia de apresentação que se repete nas páginas de direita que combatem o politicamente correto: a associação com símbolos de junho de 2013. Não temos dados suficientes para dizer que se trata de uma apropriação da simbologia criada naquele momento ou se aquele momento foi a gênese desse movimento de direita. Deixaremos isso para uma futura contribuição. Para além dessa simbologia, a página é recheada de postagens contra o governo, contra a política, contra o PT e contra a corrupção e a favor da Lava Jato.

Já o segundo lugar da lista vai direto ao ponto. Seu nome é "Contra a Ditadura do Politicamente Correto" e sua descrição é a seguinte:

9 Essa página foi selecionada pelo mecanismo de busca, pois, apesar de o termo "politicamente correto" não aparecer no seu título, ele está em seu endereço: https://www.facebook.com/BrasilPoliticamenteCorreto/.

10 Disponível em: https://www.facebook.com/pg/BrasilPoliticamenteCorreto/about/?ref=page_internal.

11 Disponível em: http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestantes-invadem-cobertura-do-congresso-nacional.html.

"De alguns anos pra cá, uma verdadeira ditadura do politicamente correto tomou conta do nosso país. Dizer o que pensa virou crime, algo inaceitável. Nem mesmo os políticos conseguem debater, tudo é dito com muito cuidado. Quem diz a verdade é estigmatizado, atacado. Resolvemos criar essa página para que aqueles que não concordam com isso, possam abertamente dizer o que se passa em sua mente. Se você apoia temas polêmicos como pena de morte, prisão perpétua, redução da maioridade penal ou simplesmente não compactua em ser mais um boi no meio da boiada, esse é o seu espaço"[12].

Como o trecho indica claramente, essa página tem uma agenda de direita ligada à questão da segurança pública, com um foco forte no punitivismo. É só rolar a barra das postagens para encontrar vários que têm Jair Bolsonaro como personagem principal, entre outros a favor do porte de armas, contra o PT, contra a exibição de arte do MAM e contra as cotas raciais. Mas isso não é tudo. A imagem do perfil da página é uma foto de um rosto de homem com os lábios costurados, ladeado por uma foto de capa que contém somente o rosto risonho do ex-presidente dos EUA, Ronald Reagan, e uma citação atribuída a ele: "Quando uma pessoa ou uma empresa gastam mais do que ganham elas vão à falência. Quando um governo gasta mais do que ganha ele te manda a conta".

Por meio de exame das principais características estéticas e textuais da página (foto de perfil, foto de capa, texto de apresentação e postagens mais recentes) identificamos nas nove páginas características que hoje podemos associar à posição política de direita no espectro ideológico brasileiro, entre elas o discurso da antipolítica (nove páginas), o antipetismo (nove páginas), a ode à Bandeira Nacional como símbolo de luta contra a corrupção política (quatro páginas) e o uso da máscara que se tornou símbolo do grupo Anonymous (duas páginas) e de outras alusões a junho de 2013 (cinco páginas), distribuídas como mostra a Tabela 2[13].

Como é fácil observar, o discurso antipolítica e o antipetismo têm total correlação nessa amostra. Basta ler as postagens para entender que estão de fato misturados em uma narrativa em que o PT e Lula são apresentados como os parteiros da corrupção que assola o Brasil. Essa mesma narrativa é corroborada por *posts* frequentes em defesa da Operação Lava Jato e do juiz Sergio Moro. Os símbolos de junho de 2013 são também bastante frequentes e representam o ativismo de direita que surgiu a partir daquelas manifestações massivas que assolaram nosso país. A simbologia mudancista dos movimentos sociais, antes seara exclusiva da esquerda, agora aparece ao lado de propostas claramente direitistas, como a diminuição da maioridade penal, a pena de morte, o porte de armas e o ataque ao

12 Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ContraADitaduraDoPoliticamenteCorreto/about/?ref=page_internal

13 O Anonymous é um grupo ativista internacional defensor da liberdade *on-line* e alhures. O capítulo brasileiro do Anonymous ganhou visibilidade nas manifestações de junho de 2013 já com um perfil fortemente antigoverno, o qual em muitos pontos se confundia com a agenda antipetista da direita que então começava a se organizar. A máscara que se tornou marca registrada do grupo é emprestada do filme *V de Vingança*, produzido e roteirizado por Andy Wachowski e Lana Wachowski, cujo roteiro é uma adaptação da HQ *V FOR VENDETTA*, escrita por Alan Moore e desenhada por David Lloyd, publicada entre 1982 e 1988 no Reino Unido.

TABELA 2

Nome	Nº	Bandeira	Anonymous	Símbolos 2013	Antipolítica	Anti-PT
Brasil, Maior Comunidade do Facebook	37.141			1	1	1
Contra a Ditadura do Politicamente Correto	4.244			1	1	1
Politicamente inCORRETO	1.226					
Antro dos Politicamente Corretos	509					
Politicamente Correto	311	1	1	1	1	1
Politicamente correto	309					
POLITICAmente Correto	283	1	1	1	1	1
Politicamente #in-correto	203					
Politicamente correto	183					
Politicamente Correto	154				1	1
Politicamente correto	145	1		1	1	1
Politicamente in Correto	131	1			1	1
Politicamente Correto	93					
NÃO SOU POLITICAMENTE CORRETO	91				1	1
Politicamente (in)Correto	91				1	1
TOTAL		4	2	5	9	9

politicamente correto, que pode ser traduzido em ataque aos direitos de mulheres, negros, LBGTQ e outros grupos. Na verdade, trata-se de uma mudança reacionária que pode ser resumida no seguinte raciocínio: a proliferação de direitos de minorias que se deu sob o governo da esquerda petista (corrupta) deve ser não somente barrada, mas desfeita.

Essa agenda reacionária aliada ao antipetismo resume bastante esse conjunto de páginas dedicadas ao politicamente correto no Facebook, mas há um elemento novo nelas que merece ser observado antes que terminemos este ensaio. Ele está bastante presente na página "Contra a Ditadura do Politicamente Correto", segunda colocada no

quesito número de seguidores, e corresponde à fusão entre essa agenda regressista que acabamos de descrever e uma pauta neoliberal, isto é, de defesa do Estado mínimo. Tal fusão está presente em uma profusão de postagens de autoria de Kim Kataguiri, um dos líderes do Movimento Brasil Livre (MBL), de inclinação neoliberal radical, compartilhadas por essa página. Em uma delas, Kataguiri acusa a *performance La Bête*, do artista carioca Wagner Schwartz, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), empregando tom altamente moralista, em defesa das famílias e dos supostos valores da sociedade brasileira. No mesmo vídeo, o rapaz faz referência à *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, exposição de arte em cartaz no Santander Cultural de Porto Alegre que foi alvo de campanha contrária movida pelo MBL e acabou sendo cancelada.

A fusão entre neoliberalismo e conservadorismo de valores já foi notada por alguns analistas de redes sociais, como Esther Solano e Pablo Ortellado[14]. E o MBL é identificado nessas análises como o principal *hub* das redes sociais fazendo essa fusão. Tal manobra político-ideológica parece ser movida por interesses eleitorais, pois como a agenda neoliberal é historicamente pobre de votos no Brasil, o MBL estaria tentando capturar o voto evangélico ao incorporar a pauta moralista. E o movimento não faz isso sem o respaldo de políticos profissionais. Duas figuras são claramente associadas a essa agenda: Jair Bolsonaro, na página "Contra a Ditadura do Politicamente Correto", e João Doria, na página do próprio MBL – o atual prefeito de São Paulo parece ter decidido que, com ou sem o PSDB, sua maior chance na corrida para a Presidência da República é a radicalização à direita, juntando exatamente sua pauta neoliberal ao conservadorismo de valores típico da agenda evangélica.

CONCLUSÃO

A presente investigação acerca do conceito do politicamente correto não só mostrou que sua estrutura semântica e padrão de politização são bastante semelhantes aos que o conceito experimentou em seu berço, os Estados Unidos, mas também revelou idiossincrasias do caso brasileiro. Em termos concretos, "politicamente correto" é um termo de pugna tanto cá como lá, utilizado pela direita política para atacar políticas públicas e posições normativas de esquerda, sendo que tal esquerda raramente assume o termo como parte de sua identidade. Para além dessas regularidades semânticas, os dados específicos ao caso brasileiro são bastante reveladores.

A análise, mesmo que breve, do *affair Caçadas de Pedrinho* mostra um movimento altamente crítico ao politicamente correto encabeçado pela grande mídia e tendo como arautos publicistas de direita e intelectuais públicos que, ao longo de sua carreira, revelaram um forte pendor contrário aos governos de centro-esquerda do PT. Tais pessoas pintam o politicamente correto como imposição autoritária de valores e padrões culturais por parte de um Estado dominado pela ideologia esquerdista. É difícil ignorar a ironia de que, em sua sanha de criticar a regulação proposta pelo MEC, alguns desses intelectuais chegaram ao ponto de negar o

14 Ver a página "Monitor do Debate Político no Meio Digital". Disponível em: https://www.facebook.com/monitordodebatepolitico/?pnref=lhc.

racismo de Monteiro Lobato: não há nada mais ideológico do que negar uma realidade fática em nome de uma crença normativa.

A segunda parte da análise foi conduzida nas redes sociais do presente, mais especificamente no Facebook. Notamos continuidades e inovações na oposição ao politicamente correto. O termo continua a ser usado para as mesmas funções de contenda ideológica. O politicamente correto continua a ser associado à esquerda e ao PT, mas agora a simbologia das Manifestações de 2013 se incorporaram ao discurso antipoliticamente correto e, na sua esteira, assistimos à tentativa de fusão entre a agenda neoliberal (contrária ao suposto "estatismo" de esquerda) e a agenda conservadora de valores (contrária à defesa de direitos de minorias feita pela esquerda). Mas aqui nos deparamos com outro paroxismo ainda mais perturbador. Ora, o politicamente correto foi tradicionalmente atacado por supostamente cercear a liberdade de expressão – seja pelos libertários dos EUA ou por figuras como Danilo Gentili e Pondé, todos defensores do "direito ao insulto público" de quem quer que seja. Contudo, agora a fusão neoliberal-conservadora atenta exatamente contra o direito de expressão, tentando regulá-lo a ponto de controlar seu conteúdo. Tem razão a ex-ministra da Cultura Ana de Hollanda ao comparar o episódio com a peça de teatro *Roda Viva*, proibida pela ditadura civil-militar, em 1968, após atos de violência cometidos contra o elenco por integrantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC). Só falta a repressão estatal para retornarmos àquele triste momento de nossa história. Em suma, os arautos da liberdade de expressão agora se voltam contra a liberdade de expressão?

De fato, os âmbitos da política e da lógica não são inteiramente congruentes; na prática é possível, sim, que os críticos do politicamente correto sustentem as duas posições antagônicas de defensores e críticos da liberdade de expressão, particularmente se esses ataques forem feitos em momentos diferentes e contra alvos diferentes.

O tema do politicamente correto é bastante rico e envolve uma discussão necessária sobre os limites das esferas da moralidade e da legalidade, onde devemos exercitar a escolha coletiva sobre quais coisas moralmente condenáveis devem ser objeto de legislação. Há também a questão da fundamentação filosófica e de teoria social do politicamente correto, que tratei em parte no artigo sobre Lobato, mas que pode ser ainda mais desenvolvida. Todas essas questões devem ser deixadas, por ora, para contribuições futuras.

BIBLIOGRAFIA

ARISTOTLE. "Politics", in S. Everson (ed.). *The Politics and the Constitution of Athens*. Cambridge/New York, Cambridge University Press, 1996.

BARRUCHO, L. G. "Onde Está o Verbete `Bom-Senso'?", in *Veja*, 2012.

BLOOM, A. *The Closing of the American Mind: How Higher Education Has Failed Democracy and Impoverished the Souls of Today's Students*. New York, Simon and Schuster, 1987.

FERES JÚNIOR, J.; NASCIMENTO, L. F.; EISENBERG, Z. W. "Monteiro Lobato e o Politicamente Correto", in *Dados*, v. 56, p. 69-108.

FIUZA, G. "A Ditadura Cor-de-Rosa", in *O Globo*. Rio de Janeiro, 2011.

O GLOBO. "Vírus da Intolerância Ameaça IBC e Ines", in *O Globo*. Rio de Janeiro, 2011.

KOSELLECK, R. *Futures Past: on the Semantics of Historical Time*. Cambridge/London, The MIT Press, 1985.

KOSELLECK, R.; GADAMER, H.-G. *Hermeneutik und Historik: vorgelegt am 6. Dezember 1986*. Heidelberg, C. Winter Universitätsverlag, 1987.

KUNTZ, R. "De Gaulle e a Escolinha", in *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2011.

LOBATO, J. B. M. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo, Globo, 2008.

LUFT, L. «Crucificar Monteiro Lobato?», in *Veja*. São Paulo, 2010.

NIETZSCHE, F. W. *The Birth of Tragedy and The Genealogy of Morality*. New York, Anchor Books, 1990.

O ESTADO DE S. PAULO. "Reedição do 'Febeapá'", in *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 2010.

O GLOBO. "Vírus da Intolerância Ameaça IBC e Ines", in *O Globo*. Rio de Janeiro, 2011.

PONDÉ, L. F. "Leave the Kids Alone", in *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2011.

RICHTER, M. "Opening a Dialogue and Recognizing an Achievement", in E. Rothacker (ed.). *Archiv für Begriffsgeschichte. Bonn, Bouvier Verlag*, v. XXXIX, 1996.

SCHMITT, C.; SCHMITT, C. *The Concept of the Political*. Chicago, University of Chicago Press, 2007.

SCRUTON, R. *The Palgrave Macmillan Dictionary of Political Thought*. 3rd. Basingstoke England/New York, Palgrave Macmillan, 2007.

THUCYDIDES. *The War of the Peloponnesians and the Athenians*. Ed. J. Mynott. Cambridge/New York, Cambridge University Press, 2013.

TULLY, J. "The Pen Is a Mighty Sword: Quentin Skinner's Analysis of Politics", in J. Tully (ed.). *Meaning and Context: Quentin Skinner and His Critics*. Cambridge, Polity, 1988.

WERNECK, G.; OLIVEIRA, J.; AYER, F. "Professora Dá Bomba em Monteiro Lobato", in *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 2010.